

Econ Brasil

22 MAR 1995

BMC Fund

POLÍTICA ECONÔMICA

Malan diz que Brasil não é o México, mas vai precisar de capital externo

por Claudia Safatle
de Paris



Pedro Malan

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, em duas rodadas de encontros, ontem, com empresários franceses, uma no café da manhã e outra no almoço, deu uma garantia e fez um convite. A garantia é de que o Brasil não é o México. O convite, que também representa um apelo, é de que, para financiar o déficit em conta corrente, estimado em 1 a 2% do Produto Interno Bruto (PIB) neste ano, o País precisará de investimentos diretos, já que os capitais de curto prazo não estão mais interessados nos mercados emergentes.

"Estamos, todos, submetidos ao mesmo contexto internacional. Seja a América Latina, o Leste europeu ou a Ásia. Como nos adaptarmos? Fazendo um enorme esforço para atrair investimentos diretos", perguntou, e ele mesmo respondeu, para uma platéia de empresários do CNPF-Centro Nacional do Patronado Francês. A eles, Malan assegurou que "a abertura econômica e a opção pela integração do País à economia mundial são irreversíveis", apesar dos debates naturais a uma democracia.

Para provar aos franceses que o País "não cometerá erros que outros países cometeram", Malan citou os indicadores externos da economia brasileira. "O México vem desde 1990 com déficits na balança comercial e chegou a acumular saldo negati-

vo em conta corrente da ordem de 8% do PIB. Nós tivemos, em 1994, superávit comercial de US\$ 10,4 bilhões e nosso déficit em conta corrente foi de apenas US\$ 1,08 bilhão, ou 0,2% do PIB", citou, reprisando os argumentos que tem usado desde a eclosão da crise cambial mexicana. "Chamamos a atenção para os números, que são distintos, embora saibamos que vivemos num mundo integrado", disse, sem mencionar as perspectivas desses indicadores para este ano.

A saída de capitais do País ocorreu porque os investidores buscaram, no Brasil, a compensação dos prejuízos apurados no México. Depois, mandaram suas subsidiárias no País zerar posições devido à contração de liquidez na Argentina. Não comentou, porém, por que as saídas de capitais continuam.

"O Brasil carrega, hoje,

um estoque de investimentos diretos da ordem de US\$ 40 bilhões a US\$ 50 bilhões. Achamos que o País tem condições de atrair mais investimentos", assinalou Malan, ressaltando ainda que "ao dizer que vamos caminhar no regime de bandas e que a atual banda cambial de R\$ 0,88 a R\$ 0,93 vai durar por muito e muito tempo, estamos deixando claro que apostamos na capacidade de irmos nessa direção".

Depois dessa explanação, feita no café da manhã, Malan reuniu-se com um pequeno grupo de empresários franceses em almoço na Embaixada do Brasil. O presidente do grupo Matra-Achett (empresa que opera na área de armamentos, editorial e telecomunicações), Jean Luc Lagardere, ponderou ao ministro da Fazenda que sempre viu no Brasil o país do futuro. Na era Collor de Mello, chegou a pensar que o futuro havia chegado. "Agora, com o presidente Cardoso, o futuro chegou?", indagou. Malan, obviamente, res-

pondeu que tem todas as razões para crer que sim.

Nesse encontro, estavam presentes também o vice-presidente do Banque Nationale de Paris, Jacques Hahl; do Crédit Commercial de France, Charles de Croisset; e da Sudameris, Gustave Rambaud, além de Edson Musa, da Rhône-Poulanc.

Tanto no café da manhã quanto no almoço, os empresários franceses deixaram claras suas inquietações sobre as possibilidades de êxito nas reformas constitucionais, a extensão do programa de privatização e as reais perspectivas de consolidação da estabilidade da moeda.

Sobre a política cambial, objeto também de várias perguntas, Malan novamente afirmou: "Não é verdade que eu tenha dito que vamos mexer na banda (recém-fixada). Estaremos operando nesse intervalo por muito e muito tempo, e não é verdade que eu tenha dito que o sistema de bandas pode mudar, porque seria totalmente flexível".